

EXPLORAÇÕES NA FAZENDA BAIANA

GRUNA GRANDE DA BAIANA, GRUTA BAIANA E GRUTA BAIANINHA

PEDRO LOBO MARTINS

GRUPO BAMBUÍ DE PESQUISAS ESPELEOLÓGICAS



erra do Ramalho, 11 de junho de 2001. Um pequeno rancho de dois ou três cômodos. Ainda em silêncio juntamo-nos à poeira de anos e, à sombra das ruínas, perscrutamos o horizonte. De ambos os lados contemplávamos imensos paredões (ou eram eles que, portentosos, nos examinavam?). Ondas de convecção faziam tremular os ares; a atmosfera quente do meio-dia anunciava grandes descobertas. Em breve, após longa caminhada, adentraríamos o cânion da Fazenda Baiana: Nosso objetivo: um longo e profundo cânion a noroeste dali, visto como uma serpente negra num cânto da ortofoto.

O Carste! Na paisagem,
velhos paredões

Cálcário plúmbeo no verde da
floresta

O Carste! Quantos mistérios
em cada fresta

Correndo nos rios, descendo
pelos grötões!

Deixamos logo o rancho do patriarca Manoel Correa de Souza, falecido cerca de três anos antes, e que não resistiu ao tempo, inclemente naquele sertão. Dividimo-nos em dois grupos para

uma primeira investida ao paredão da direita. Benoît e Gilles em pouco tempo desapareceram na macega. Enquanto isso Marc e eu, transpondo uma pequena drenagem temporária, exploramos as franjas do paredão. Encontramos três pequenas cavidades, muito próximas entre si, as Grutas do Mosquito I, II e III. A primeira delas é apenas uma fenda com cerca de 15m de desenvolvimento; a segunda, um pequeno abrigo com cerca de 10m e a terceira, com a mesma extensão, uma vivenda de mosquitos, com as paredes repletas desses insetos hematófagos.

Nossos companheiros, à nossa direita, encontraram uma pequeníssima gruta onde puderam se refrescar com água que brotava com uma vazão estimada em 0,5 a 1,0 L por minuto.

Os portões do desconhecido abriram-se então perante nossas botas. Ruas e avenidas se abriam em todas as direções, remisscentes da lendária Sincorá. Tomamos a direita na primeira bifurcação, empreendendo uma curta exploração por um belíssimo cânion margeado por altos paredões. Após 100m caminhados, resolvemos nos ater ao cânion principal. Neste, ladeado pelos

mais altos paredões que até então avistáramos ali, encontramos grandes travertinos a céu aberto, algo desgastados, insinuando uma drenagem pretérita de caráter mais permanente.

Galgando apressadamente o leito vazio, sob uma cobertura vegetal cada vez mais densa, indicando um ambiente mais úmido, avistamos à nossa direita a fonte de toda a água que por ali eventualmente corre: uma ressurgência recortada no paredão, onde encontramos água parada. Um longo cano de PVC preto, cheio de furos, esticava-se a partir desta água, descendo o vale por caminhos por nós desconhecidos até o rancho abandonado do falecido Sr. Manoel. Ao alto, imponente concavidade rasa no paredão, repleta de espeleotemas, conferia ao local uma beleza sublime. Um rapaz da fazenda, que nos seguia de longe, apareceu e deu a notícia: era a Gruna Grande, denominação a que acrescentamos "da Baiana", em alusão à fazenda em que estávamos.

À esquerda, cerca de 20m acima no paredão, avistamos uma boca de boas proporções. Marc e eu subimos até lá e percorremos bela galeria fóssil. Infelizmente, cerca de 30m à frente, fomos barrados



Analisando os mapas em busca do cânion da Balana. Foto: Jean François Perret

Os portões do desconhecido abriram-se
então perante nossas botas.

Ruas e avenidas se abriam em todas as
direções, remissantes da lendária Sincorá.

Tomamos a direita na primeira bifurcação, empreendendo
uma curta exploração por um belíssimo
cânion margeado por altos paredões.

por um desmoronamento. Tentamos achar uma passagem por cima, depois por baixo, em vão. Finalmente notamos uma pequena passagem pelo lado esquerdo, por entre blocos concrecionados, e atingimos uma outra entrada poucos metros adiante. Era o fim. De volta à entrada, contudo, avistamos, do outro lado do leito da drenagem, distante cerca de 60m, outra boca, menor, a continuação do paleoconduto, Gritamos ao Benoît, que se apressou em verificar. Juntando-me a ele, percebi que esta gruta se constituía de uma galeria mais arruinada. Um belo salão branco no início cedia lugar a um desmoronamento aparentemente intransponível mais adiante.

O calor era grande, e os dois litros de água que cada um levava eram bebidos em um ritmo desfavorável. Nosso objetivo era o grande cânion na direção noroeste. Uma beleza de cânion, diga-se de passagem: profundo, inexplorado, com cerca de 1km de extensão e que nos seduzia desde que o tínhamos visto na foto aérea uma semana antes! Mas ainda faltava muito para chegar lá. Desta vez não havia trilhas, nem de gado. O rapaz da fazenda, que não conhecia o caminho que tomaríamos, despediu-se de nós. Depois de breve descanso, continuamos a subida do cânion principal, através de pedras nuas que indicavam a passagem eventual de água, e muito mato. A direção era oeste, e o

cânion desta vez era mais estreito, belíssimo em seu aspecto selvagem. Cerca de 20m adiante encontramos, no paredão da esquerda, uma entrada de bom tamanho. Descemos por ela e encontramos uma galeria com cerca de 7m de largura e 3,5m de altura. Considerando de comum acordo empreender uma etapa de reconhecimento, seguimos em frente, até chegar a uma bifurcação, 50m adiante. Resolvemos tomar a galeria da direita, maior. Andávamos rápido, felizes com a descoberta. Lutando para manter o equilíbrio no piso enlameado, os quatro, chegamos a um pequeno desmoronamento, do alto do qual percebemos uma luminosidade: outra entrada, que em seguida

visitamos. À esquerda, uma pequena passagem dava acesso à continuação, que não exploramos desta vez. Voltando à bifurcação, tomei a galeria da esquerda por alguns metros, percebendo que continuava. Deixei então o sedutor negrume para trás e me juntei aos outros, saindo da gruta, que mais tarde seria batizada de "Baianinha".

Continuando a subida da drenagem atingimos uma bifurcação de cânions, um *carrefour*, como chamaram meus amigos franceses. Um tinha a direção noroeste, a do nosso objetivo; o outro tinha direção sudoeste. Tomamos o primeiro, naturalmente, não sem antes tomar as coordenadas UTM do *carrefour*: 600.206 8.466.524; Altitude: 535m. Cerca de 50m acima, no

superior, no salão, Benoît e eu fomos explorar um conduto da direita, que descia. Lá embaixo, vislumbramos um buraco negro com cerca de 1,5m de diâmetro. Chamamos os outros e fomos verificar. Impressionante! Uma avenida passava cerca de 4m abaixo, transversalmente, e o vento que soprava era intenso. Com a ajuda da mão do Gilles e de uma pedra providencial que serviu de apoio, desci até a grande galeria. Explorei alguns metros a montante e a jusante, deslizando na lama que recobria o piso. Adiante, para ambos os lados, o delicioso negrume que só as galerias inexploradas sabem oferecer. Uma leve brisa soprava. Grandes travertinos com até 2,5m de altura, cobertos de barro,

Baiana por cima, sem ter que repetir toda a longa caminhada de cerca de 9km que acabávamos de empreender. Estimamos que a estrada talvez estivesse a uns 3 km de onde estávamos. Subindo cerca de 200m pelo cânion sudoeste, num caminho sem trilhas, chegamos a outra bifurcação. Tendo que decidir entre o cânion sul ou oeste, escolhemos o último. Cem metros à frente, mais um *carrefour*. Desta vez, não por unanimidade, tomamos o cânion da esquerda, ao invés do da direita. À medida em que avançávamos notávamos que as paredes dos cânions se tornavam cada vez mais próximas, mas desta vez a coisa estava demais: um cânion por vezes com 3m de largura e paredes verticais de cada lado erguendo-

Lá embaixo, vislumbramos um buraco negro com cerca de 1,5m de diâmetro.

Chamamos os outros e fomos

verificar. Impressionante!

Uma avenida passava cerca

de 4m abaixo, transversalmente,

e o vento que soprava era intenso.



paredão da esquerda, em frente a uma bela e grande barriguda, vimos uma boca de caverna, não muito grande. Um detalhe, entretanto, logo nos chamou a atenção: um conglomerado de grandes seixos rolados logo na entrada era o sinal de que muita água já passara por ali em eras pretéritas. Mais acima, descobrimos depois algumas pinturas rupestres com características da tradição São Francisco, destacando-se o que nos pareceu uma ema com chifres. Apressamo-nos a conhecer a gruta. Logo à esquerda, após uma descida, um pequeno salão que termina em uma fenda transversal. Voltamos. Enquanto o Marc e o Gilles exploravam um conduto

mostravam do que se tratava: um rio subterrâneo. Especulamos tratar-se da mesma drenagem que alimentava a ressurgência da Gruta Grande da Baiana, o que foi mais tarde comprovado. Chamamos esta gruta de Gruta Baiana.

Todos exultavam com a descoberta. Decidimos, dada a sua importância e o adiantado da hora, não prosseguir até o nosso objetivo final, mas tentar encontrar uma maneira, pelo cânion sudoeste, de chegar até uma estradinha que passa pelo filito, a oeste. É que a expedição em breve iria se mudar da Agrovila 23 para a cidade de Descoberto, e seria de grande importância encontrar uma maneira de se chegar à Gruta

se até 30m acima de nossas cabeças! Ficamos maravilhados. Continuamos a subida. Algumas centenas de metros adiante chegamos a duas grutas, muito próximas uma da outra, na parede da esquerda. Foram batizadas de Grutas do Cânion I e II. Pequenas mas bonitas, bem ornamentadas. Chegamos então a um aparente fundo-de-saco, o chamado "vale-perdido", com alguma água. Verificamos porém que, pela direita, com alguma escalada, poderíamos continuar. Assim fizemos e logo estávamos próximos do nível dos lapíás. Mais uma centena de metros e lá estávamos, no topo, galgando o calcário pontiagudo. Indescritível cenário se abria perante nossos olhos.

Pois que emoções, deste topo
ascenso
Ao espírito me vêm se
vasculho as falhas
Sombrias fauces a fender
muralhas
Que se sucedem no horizonte
imenso!

Mas e a estradinha? Apesar da
beleza ímpar do lugar, depois de
uma inspeção mais minuciosa na
foto aérea percebemos que havíamos
tomado o cânion errado, como de
fato o GPS mostrou: 599.615
8.465.767 Alt: 677m. O que fazer?
A água já no fim, cansados,
tomamos o caminho do carro,
estacionado na Fazenda Baiana.
Retornamos praticamente sem
parar, para que a noite não nos
surpreendesse.

Vitor Moura



No *carrefour*, vislumbramos a
bela e alta barriguda, dona do lugar,
que nos esperaria, na verdade muito
pouco, para mais um dia de grandes
descobertas.

Baixo o sol-pôr, transmuta em
cores o esquecido ermo.
Por breves momentos cada vale
em luz se inflama
Mas logo se esvai, leve e lenta,
a linda chama
Já trazendo saudades... e deste
feliz dia, o triste termo.

As conversas da noite, antes,
durante e após o jantar, empolgaram
muitos. No dia seguinte, 12 de
junho, duas Kombis com 10 pessoas
estavam na Fazenda Baiana para
mais o início das explorações. Desta

vez nossos valentes veículos
poupavam-nos uns poucos
quilômetros de caminhada sob o sol
do sertão, progredindo por uma
estrada mal e mal carroçável. Logo
uma longa fila indiana adentrava o
cânion. Na Gruna Grande da Baiana
ficamos pouco tempo, admirando
a cena que ela compunha. Cortando
o mato vimos a entrada da Baianinha
e, no cânion à sua direita,
vislumbramos a imponente
barriguda da Gruta Baiana.
Dividimos as equipes: Gilles, Marc,
Lília e eu iniciáramos a topografia.
Joël, Guy, Benoît, Regina (guia do
abismo Anhumas), Guilherme e
Olivier fariam a filmagem da
première.

Partindo da bela *Avenida Baiana*
ou *Conduto Sertanejo*, começamos a
exploração, a jusante, passando por

vezes 20, 30m. Enigmaticamente,
havia uma quase absoluta ausência
de matéria orgânica na lama do piso.
Ficaria represada em travertinos
gruta acima? A galeria deliciosa
prosseguia. Após cerca de 500m de
topografia, deparamo-nos com um
alto travertino, intransponível. Sem
o material necessário à sua escalada,
tivemos que voltar, talvez um pouco
conformados pelo fato de termos
sidos detidos por um obstáculo
como aquele, e não pelo fim da
gruta. Passando pela equipe de
filmagem, resolvemos terminar a
topografia da parte superior da
caverna, próxima à sua entrada.

Mais tarde, lanchandô do lado
de fora da caverna, percebemos do
outro lado do cânion um negrume,
que resolvemos verificar. Era apenas
um pequeno abrigo, mas certamente

Caminhávamos como espeleo-pingüins
deslizando no negrume, não nos
incomodando em nadar por vezes 20, 30m.
Enigmaticamente, havia uma quase
absoluta ausência de matéria orgânica
na lama do piso. Ficaria represada
em travertinos gruta acima?

grandes travertinos cobertos de
lama. Poucos metros à frente,
contudo, um desmoronamento
impedia nossa progressão. À
esquerda, somente, é que se via um
abismo, só mais tarde explorado e
que conectaria, por fim, a Gruta
Baiana à Gruna Grande da Baiana.
Iniciamos então, sob as fortes luzes
da câmera do Joël, a exploração a
montante. Impressionante túnel, e
melhor, sem luz no fim, ouviu
nossas vozes pela primeira vez. A
longa trena flutuava sobre os
enormes travertinos, enquanto nós
escorregávamos para dentro deles,
sentindo o frescor de sua água. A
equipe de filmagem ficou para trás.
Caminhávamos como espeleo-
pingüins deslizando no negrume,
não nos incomodando em nadar por

o remanescente de um paleoconduto
relacionado geneticamente aos
encontrados na Gruna Grande.

Nos dias que se seguiram a
topografia continuou por várias
frentes. Ezio, Joël, Jacques, Aladin
e eu conseguimos a duras penas
ultrapassar o grande travertino que
havia impedido a nossa passagem.
Ao nos equilibrarmos precariamente
nas suas delgadas bordas, surpresa:
um "mar" de travertinos
semelhantes nos aguardavam.
Começou então uma viagem
insólita, cheia de altos e baixos, em
que nossas habilidades de
equilibristas vieram a calhar,
impedindo que caíssemos nas bocas
internas daquelas muralhas de
calcita, por vezes com quatro, seis
metros de altura. O pequeno Jacques

e o Aladin resolveram nos esperar. Desejaram-nos boa sorte e se aninharam confortavelmente numa dessas concavidades mais rasas. A exploração continuou. Por vezes o piso da grande galeria ficava mais regular e parecia que iríamos nos ver livres dos imensos travertinos. Mas logo um novo colosso se postava diante de nossos olhos atônitos, esses mesmos olhos que só queriam enxergar mais além, auxiliados pelos spits e cordas, com que o Ezio e o Joël são tão familiarizados.

Algumas centenas de metros à frente o aspecto da galeria mudou: ao final de uma parte mais plana do conduto vislumbramos um enorme espaço negro indicando um grande vazio subterrâneo. Era o que batizaríamos de Salão da Roda-Baiana. Dos quatro pontos cardeais

partiam condutos. À direita, uns 30 m acima de nossas cabeças, uma boca negra inatingível despejava seu hálito úmido sobre nós. Qual não deveria ser o espetáculo proporcionado por ela durante as chuvas, quando a água desceria dali em torrentes, alimentando os travertinos a jusante! A sua posição no mapa topográfico que se construía não poderia ser mais adequada: aquela era a direção do grande cânion-serpente, nosso objetivo primeiro.

A Baiana a estas alturas, dentro de nossas cabeças mineiras e francesas, já rodopiava, virava pra cá, virava pra lá, e subia e descia a fazer malabarismos incompatíveis com a sua estrutura corporal. — “Êta Baiana danada, sô! E lá vamos nós! Ulalá!” Prosseguimos. A seção da

galeria agora era mais modesta, mas a gruta continuava. As longas visadas se sucediam, e trena por trena os metros se avolumavam. Mas tudo que é bom tem um fim, e desta vez foi um fim, digamos, compensatório. O espeleólogo deve ter reservada sua quota de sacrifícios para situações extremas, e essa era uma situação quase extrema. Os últimos e gloriosos momentos deste dia foram passados em um longo e “cheiroso” lago de guano, sob cujo teto mal cabiam nossos corpos.

“Fechou”. “Fechou?” O Joël, que ia na frente, disse que sim. Não sabemos se apenas reclamava do calor, mas isso pra mim já não importava. Acho que pro Ezio também não. A quem importar, recomendamos veementemente a fabulosa Gruta Baiana.

A exploração continuou. Por vezes o piso da grande galeria ficava mais regular e parecia que iríamos nos ver livres dos imensos travertinos. Mas logo um novo colosso se postava diante de nossos olhos atônitos, esses mesmos olhos que só queriam enxergar mais além [...]



Gruta Baianinha

A topografia da irmã menor da Gruta Baiana foi uma alegria. A tarde já caía quando a Gruta Baianinha nos recebeu onde a havíamos deixado, no desmoronamento do dia anterior. Mas, você deve estar lembrado, havia uma passagem pelo seu lado esquerdo, inferior, que nos conduziu a ampla e úmida galeria. E logo alguém viu, sobre uma pedra, as iniciais JS. Enigmáticas? Algum desconhecido explorador solitário havia nos precedido, talvez por alguns séculos, deixando suas incógnitas iniciais para a posteridade? Não, era apenas o rabisco do Jacques Sanna que, juntamente com seus amigos, mostravam que haviam logrado chegar ali partindo do topo da serra, do filito, vindos de Descoberto. Finalmente estava estabelecida uma conexão viável com o mundo superior, que nos pouparia horas de caminhada nos dias seguintes.

Seguímos mais à frente, onde um aparente sifão tirou de nós um suspiro de decepção misturado com o já aparente cansaço, no adiantado da hora. Entretanto, bom sinal, uma forte

brisa fazia tremular nossas chamas, e tirava das estalactites uma linda e alvissareira canção eólica.

As trevas nos surpreenderam no *carrefour*. Um chamado escatológico ecoou pelo vale, e do outro lado a grande barriguda respondeu: - "tamos indo!". Um safari noturno pôs-se em marcha através do cânion. Luzes tremulantes vacilavam em revelar as formas da floresta, agigantadas pela escuridão, e projetavam nas paredes do cânion sombras fantasmagóricas. No frescor da noite, o tênue brilho das estrelas anunciava, da lua, o futuro clarão.

Noites de junho. As estrelas e o frio...

Formas etéreas inundando os ares

Qual névoa fosca por sobre os mares

Prenunciando, ao luar, o sol de estio

A Gruta Baianinha foi completamente explorada e topografada alguns dias depois, por uma equipe formada pelo Jacques, Jean-Loup, Leandro Chester e eu. Atingiu uma extensão

total de 724 m. É uma gruta com galerias pouco amplas, alagadas em muitos trechos, com vários quase-sifões que tivemos que transpor. Mais ou menos no meio da caverna, à altura da base B4 há uma passagem estreita que dá acesso a um nível superior, de aspecto arruinado. A exploração da gruta terminou em um sifão intransponível.

As duas irmãs Baianas, quase siamesas, são tão próximas, mas nunca se tocaram. A comparação dos mapas da Gruta Baiana e da Gruta Baianinha relativamente à foto aérea tornou evidente que as duas cavernas compõem sistemas independentes de drenagem. A grande e imponente barriguda marca o *carrefour*, onde você poderá encontrá-las pelos próximos milênios.

O Carste! Legado de eras esquecidas!

Palavras breves de pedras escritas,

Silêncio eterno de ossos sob a terra...

O Carste! As grutas... essas tímidas damas,

Segredos da escuridão... só as chamas

Podem entender o que nelas se encerra!



Prospecção e entrada da Gruta Grande da Baiana
Fotos: Jean François Perret

Explorations
dans la
Fazenda Baiana
Gruna Grande
da Baiana,
Gruta Baiana et Baianinha

Pedro Lobo Martins
Grupo Bambuí de
Pesquisas Espeleológicas

Serra do Ramalho, le 11 juin 2001.
Dans un petit ranch de deux ou trois pièces.
En gardant encore le silence, nous nous
sommes joints à la poussière des ans et, à
l'ombre des ruines, nous scrutons l'horizon.
Des deux côtés, nous contemplions les
immenses parois, ou était-ce elles qui nous
observaient ?

Les turbulences de l'air causées par la
chaleur faisaient vibrer l'atmosphère. Le
soleil de plomb de la mi-journée présageait
de grandes découvertes. Bientôt, après une
longue marche, nous ne tarderions pas à
nous aventurer dans le canyon de la Fazenda
Baiana. Notre objectif consisterait à accéder
à un profond canyon, situé au nord-ouest
du susnommé, et perçu comme un noir
serpent dans un coin propice à la
photographie.

Ô karst! Au sein du paysage,
de vieilles parois rocheuses
Calcaire plombifère dans le vert
de la forêt
Ô karst! Combien de mystères
recèlent tes formes creuses
Qui courent dans les rivières
et dévalent les gouffres?

Nous avons quitté le ranch du patriarche
Manoel Correa de Souza, décédé voilà près
de trois ans, et que le climat inclement du
sertão n'a pas épargné. Deux groupes se
formèrent pour une première prospection de
la paroi de droite. Benoît et Gilles ne
tardèrent pas à se fondre dans la brousse.
De notre côté, Marc et moi, après avoir
franchi un petit drainage temporaire, avons
exploré les bordures de la grande paroi
rocheuse. Nous sommes tombés sur trois
petites cavités très proches les unes des autres,
à savoir: les grottes du Mosquito I, II et
III. La première d'entre-elles est tout
simplement une faille d'un développement

de près de 15 mètres. La deuxième consiste
en un petit abri d'environ 10 mètres de long,
alors que la dernière, de dimension égale à
la précédente, regorge littéralement de
moustiques "hématophiles". Sur notre
droite, nos camarades découvrirent une grotte
minuscule dans laquelle ils purent se
rafraîchir grâce à l'eau qui y jaillissait avec
un débit estimé entre 0,5 litre et 1 litre par
minute.

Les portes de l'inconnu s'ouvrirent alors
devant nous. Les rues et les avenues se
déployaient dans toutes les directions,
réminiscences de la légendaire Sincora. Au
premier carrefour, nous avons pris à droite
et avons entrepris de jeter un coup d'oeil
sur le magnifique canyon bordé de hautes
parois. Après avoir parcouru 100 mètres,
nous avons décidé de rejoindre le canyon
principal. Dans celui-ci, limité par les plus
hautes parois que nos yeux eurent la chance
de voir jusqu'alors, nous avons pu observer
de grands gours à ciel ouvert, quelque peu
érodés, laissant à penser qu'un ancien
drainage avait dû y circuler presque en
permanence. En remontant rapidement le
lit à sec, sous une couverture végétale de
plus en plus dense, révélatrice d'une zone
plus humide, nous avons aperçu sur notre
droite l'origine de la totalité de l'eau qui
coule éventuellement dans ces parages: une
résurgence découpée dans la paroi où nous
avons trouvé une étendue d'eau stagnante.
Un long tuyau de PVC noir, percé de
partout, venait puiser à cette source, puis
dévalait les pentes par des chemins inconnus
de nous, jusque dans la vallée pour terminer
sa course dans le ranch abandonné de feu le
Senhor Manoel. Dans les hauteurs, une
imposante concavité à fleur de roche, remplie
de concrétions, contribuait à rendre ces lieux
sublimes. Un garçon de la fazenda, qui nous
suivait de loin, apparut et nous informa
qu'il s'agissait de la Gruna Grande. A ce
nom nous y avons ajouté "da Baiana", en
référence à la fazenda.

A gauche, à près de 20 m au-dessus de
la paroi, nous avons aperçu un porche de
belle dimension. Marc et moi sommes montés
jusque là et nous nous sommes engagés dans
une belle galerie fossile qui,
malheureusement, était barrée 30 mètres plus
loin par un éboulis. Nous avons tenté en
vain de trouver un passage plus haut, puis
plus bas. Au bout du compte, nous avons

repéré un petit passage sur la gauche, entre
des blocs concrétionnés, puis nous avons
rejoint une autre entrée quelques mètres plus
loin, c'était la fin. Mais une fois de retour à
l'entrée, nous avons pu distinguer, de l'autre
côté du lit du drainage, à une distance
d'environ 60 mètres, une autre bouche, plus
petite, et la suite du paléoconduit. Nous
l'avons crié à Benoît qui s'est empressé d'aller
vérifier sur place. En me joignant à lui, je
me suis aperçu que cette grotte n'était
constituée que d'une galerie effondrée. A la
belle salle blanche du début succédait un
éboulis apparemment infranchissable.

La chaleur était étouffante, et les deux
litres d'eau dont chacun de nous disposait
était ingurgité à un rythme un peu trop
soutenu. C'est vers le grand canyon, en
direction du nord-ouest, que se concentrèrent
nos efforts. Un canyon d'une grande beauté,
soit dit au passage, profond, inexploré, de
près de 1500 m d'extension, et qui nous
avait séduit dès que nous l'avions vu sur les
photos aériennes, une semaine auparavant.
Mais la route était encore longue avant de
l'atteindre. Cette fois-ci, il n'y avait plus de
pistes, même pas pour le bétail. Le gargon
de la fazenda, qui ne savait pas quel chemin
nous allions prendre, décida de prendre congé
de nous. Après une brève halte, nous avons
repris l'ascension du canyon principal, au
milieu de pierres nues, qui révélaient le
passage de l'eau, et de l'épaisse végétation.
Nous nous dirigeons vers l'ouest et le canyon
se rétrécissait alors en conservant son bel
aspect sauvage. Ayant parcouru 20 mètres
de plus, nous avons remarqué une entrée de
belle taille incisée dans la paroi de gauche.
Nous nous en sommes rapprochés en
descendant. Et nous avons découvert une
galerie de près de 7 mètres de large pour une
hauteur de 3,5 m. Comme nous avions, d'un
commun accord, préalablement décidé de
consacrer l'étape du jour à la reconnaissance
du terrain, nous avons poursuivi droit
devant. 50 mètres plus loin, nous sommes
tombés sur un croisement. Et c'est dans la
galerie de droite, plus large, que nous nous
sommes engagés. Nous marchions vite,
heureux de notre découverte. Tout en faisant
tout notre possible pour ne pas perdre
l'équilibre sur le sol boueux, nous avons
atteint, tous les quatre, un petit éboulement
qui laissait passer de la lumière par le haut.
C'était une autre entrée que nous ne

tarderions pas à visiter. Sur la gauche, un petit passage prolongeait la suite que nous n'explorerions pas ce jour-là. En revenant sur nos pas, j'ai suivi la galerie de gauche sur quelques mètres. Elle continuait. J'ai alors laissé derrière moi cette ténébreuse séductrice, qui plus tard serait baptisée "Baianinha", pour rejoindre les autres qui sortaient de la grotte.

En remontant toujours le drainage, nous sommes arrivés à une bifurcation de canyons, un carrefour, comme le désignèrent mes amis français. L'un d'entre-eux se dirigeait vers le nord-ouest, qui constituait notre objectif, et l'autre vers le sud-est. Bien entendu, c'est le premier cité que nous avons décidé d'emprunter, mais tout d'abord nous avons pris les coordonnées du carrefour : 0600206 8466524 Altitude : 535 m. Cinquante mètres environ au-dessus du point où nous nous trouvions, dans la paroi de gauche, et devant un imposant baobab, nous avons vu la bouche d'une caverne, de dimension modeste. Cependant, un détail nous sauta tout de suite aux yeux : un assemblage de grosses pierres arrondies dès l'entrée tendait à prouver qu'une grande quantité d'eau s'était déjà écoulée par ici, dans des temps reculés. Plus haut : quelques peintures rupestres, aux caractéristiques de la tradition São Francisco. Parmi celles-ci, il convient de citer la représentation de ce qui nous parut une grue avec des cornes. Nous étions impatients de connaître la cavité. Tout de suite à gauche, après une descente, se trouve une petite salle qui se termine par une faille transversale. Nous avons fait demi-tour. Alors que dans la salle Marc et Gilles étaient en train d'explorer un conduit supérieur, Benoît et moi sommes allés jeter un oeil dans un conduit descendant, à droite. Et plus bas, nous avons aperçu un trou noir de près d'1,5 mètre de diamètre. Nous avons appelé les autres et nous sommes allés le voir d'un peu plus près. Impressionnant ! Une

avenue passait transversalement en bas à environ 4 mètres, et un fort souffle de vent la balayait. Gilles me donna la main pour m'aider à descendre, et grâce à une pierre providentielle qui me servit d'appui, j'ai pu gagner la grande galerie. Je l'ai alors examinée en l'arpentant sur quelques mètres en amont et en aval, en glissant sur le sol recouvert de boue. Devant, et des deux côtés, les ténèbres régnaient délicieusement comme seules les galeries inexplorées savent le faire. Une légère brise soufflait. D'imposants gours pouvant mesurer jusqu'à 2,5 m de haut, couverts de glaise, dévoilaient ce dont il s'agissait : une rivière souterraine. Nous en avons déduit que ce devait être le même drainage qui alimentait la résurgence de la Gruta Grande da Baiana, ce qui pu être démontré par la suite. Nous avons dénommé cette grotte Gruta Baiana.

Tout le monde exultait à l'annonce de cette découverte. Mais étant donné l'importance de celle-ci, et l'heure avancée, nous avons décidé de ne pas pousser notre périple jusqu'à ce qui devait en être la destination finale, mais plutôt de suivre le canyon vers le sud-ouest afin d'essayer de rejoindre une petite route qui passe dans un défilé, quelque part à l'ouest. Bientôt, l'expédition devait quitter Agrovila 23 pour aller s'établir dans la ville de Descoberto, et il serait alors capital de trouver un chemin menant à la Gruta Baiana par le haut. Ce

dernier nous éviterait ainsi de renouveler la longue randonnée de près de 10 km que nous venions d'effectuer. Nous avons évalué la distance nous séparant de la route à environ 3 km. Nous avons grimpé 200 m dans le canyon sud-ouest en empruntant un chemin sans marques, jusqu'à un carrefour. Ayant à choisir entre la branche sud et ouest, c'est celle du ponant qu'on a prise, et cent mètres plus loin un nouveau carrefour nous attendait. Cette fois encore, nous avons opté pour poursuivre vers l'ouest, au lieu du sud-ouest. A mesure de notre avancée, nous pouvions remarquer que les parois des canyons se rapprochaient de plus en plus les unes des autres jusqu'à ne plus atteindre maintenant que trois mètres de large alors que, de chaque côté, les parois verticales culminaient parfois à 30 mètres au-dessus de nos têtes, ce qui ne manqua pas de nous impressionner. Nous étions émerveillés. L'ascension se poursuivait. Encore une centaine de mètres et voilà que dans la paroi de gauche deux grottes, très proches l'une de l'autre, apparurent sous nos yeux. Elles étaient toutes deux de taille modeste, mais jolies, bien ornementées, et reçurent pour noms Grutas do Cànion I et II. Nous étions arrivés dans ce qui semblait un cul-de-sac, au lieu-dit du "vale perdido", près d'un point d'eau. Nous avons voulu vérifier s'il nous serait possible de continuer sur la droite en effectuant une petite escalade. Aussitôt



Exploração da Gruta Baiana.
Foto: Jean François Perret

dit, aussitôt fait, et nous étions déjà pratiquement au niveau des lapiez. Encore un effort et cent mètres plus haut, nous découvrons un décor inouï depuis le sommet où s'hérissaient les pointes de calcaire acérées.

Du haut de ce sommet, que
d'émotions intenses
Me viennent à l'esprit quand
je cherche les failles
Sombres faux à fendre les murailles
Qui se succèdent dans l'horizon
immense!

Mais, et la petite route? Malgré la beauté singulière du site, et après avoir observé avec plus de minutie la photo aérienne des lieux, nous nous sommes rendus compte que nous avions fait fausse route. Selon le GPS, notre position indiquait 599.615 8.465.767 Alt: 677 m. Alors, que faire? Les provisions d'eau touchant à leur fin, fourbus, nous nous sommes dirigés, en bâtant le pas, vers le véhicule stationné dans la Fazenda Baiana, pour ne pas être surpris par la tombée de la nuit.

Au carrefour, nous avons encore eu l'occasion d'admirer le beau et haut baobab (barriguda), gardien des lieux, qui allait devoir nous attendre, en vérité très peu, pour une nouvelle journée de grandes découvertes.

Sous le soleil couchant qui transforme
les couleurs des lieux désolés et oubliés
Pendant de brefs instants chaque
vallée de lumière s'enflamme
Mais elle s'éteint tout de suite,
légère et lente, la splendide flamme
Qui nous remplit déjà de nostalgie...
et fait de ce jour heureux,
le triste terme.

Les conversations de la soirée, avant, pendant et après le dîner furent animées. Le lendemain 12 juin, deux combis avec 10 personnes à bord atteignirent la Fazenda Baiana pour une nouvelle journée d'explorations. Cette fois-ci, nos braves véhicules nous firent économiser quelques kilomètres de marche sous le soleil du sertão, en suivant une piste de moins en moins praticable. Puis, très vite, une longue file

indienne se forma dans le canyon. La visite à la Gruta Grande da Baiana fut de courte durée, mais nous avons eu tout de même le loisir de l'admirer. En coupant à travers la forêt, nous avons vu l'entrée de la Baianinha et, sur notre droite, dans le canyon, nous pouvions distinguer le ventre gargantuesque de la Gruta Baiana. Le groupe se divisa: Gilles, Marc, Lilia et moi commencerions la topo. Joël, Guy, Benoît, Regina (la guide du gouffre Anhumas), Guilberme et Olivier filmeraient la première.

Le point de départ de l'exploration se situait dans la belle Avenida Baiana ou Conduto Sertanejo. En aval, après avoir franchi une zone de grands gours couverts de boue, notre progression s'acheva quelques mètres plus loin sur un éboulement. A gauche, et de ce côté uniquement, se trouvait un gouffre qui serait exploré plus tard et qui se révélerait, finalement, faire la jonction avec la Gruta Baiana et la Gruta Grande da Baiana. Nous avons alors repris notre exploration, noyés sous les éclairages éblouissants de la caméra de Joël, en suivant le conduit en amont. Quel tunnel impressionnant ! Et de plus, sans lumière au bout. Il étreignait le son de nos voix. Le long décimètre flottait sur les gours gigantesques alors que nous glissions parmi eux en sentant la fraîcheur de leurs eaux. L'équipe du tournage était plus loin derrière. Les spéléos pingouins pataugeaient dans l'obscurité, ne se souciant nullement de devoir parfois nager pendant 20 ou 30 mètres. Etrangement, la boue du sol était absolument vierge en matières organiques. Était-ce dû à leur retenue en gours en amont de la grotte? La délicieuse galerie se prolongeait. Cinq cents mètres de topo plus loin, un haut gours, infranchissable, nous barrait la route. Comme nous n'avions pas le matériel nécessaire pour en venir à bout, nous avons dû faire marche arrière, mais pas trop déçus de n'avoir pu aller plus en avant et d'avoir été bloqué par un tel obstacle. Ayant rejoint l'équipe vidéo, nous avons alors entrepris de compléter la topographie de la partie supérieure de la caverne, voisine de l'entrée.

Plus tard, nous nous sommes restaurés à l'extérieur de la cavité. Et nous avons aperçu de l'autre côté du canyon, une tache sombre que nous sommes allés observer de

plus près. Ce n'était qu'un petit abri. Cependant, celui-ci devait certainement être le vestige d'un paléoconduit ayant un lien avec ceux découverts dans la Gruta Grande.

Durant les jours qui suivirent, la topo prit des chemins divers. Ezio, Joël, Jacques, Aladin et moi-même sommes parvenus, non sans peine, à franchir le grand gours qui nous avait auparavant bloqué. En jouant les équilibristes sur ses flancs étroits, nous avons eu la surprise de nous retrouver nez à nez avec des gours de même nature. Ceux-ci formaient une véritable "mer" qu'il nous fallut traverser dans un voyage insolite plein de hauts et de bas, où nos aptitudes d'équilibristes tombaient à pic, nous empêchant d'être happés par les bouches internes de ces murailles de calcite pouvant atteindre de quatre à six mètres de haut. Le petit Jacques et Aladin préférèrent nous attendre en nous souhaitant bonne chance, installés bien confortablement dans l'une de ces concavités plus basses. L'exploration se poursuivit. Par intermittence, le sol de la grande galerie se faisait plus régulier et on aurait pu penser que nous allions bientôt être débarrassé de ses gours immenses. Impression fautive puisque à chaque fois, sous nos yeux hagards, un nouveau colosse se mettait en travers de notre chemin. Nos yeux qui ne demandaient qu'à voir au-delà, aidés par les spits et les cordes dont Ezio et Joël savent si bien se servir.

Quelques centaines de mètres plus loin, la configuration du terrain changea: au bout d'un tronçon plus régulier du conduit, il fut possible de distinguer un énorme espace ténébreux indiquant la présence d'un grand vide souterrain. Nous l'appellerions plus tard le Salão da Roda-Baiana. Des quatre points cardinaux se déployaient les conduits. A droite, à quelque 30 mètres au-dessus de nos têtes, une inaccessible bouche noire exhalait son haleine humide sur nous. Quel spectacle, elle devait offrir à la saison des pluies, lorsque des torrents d'eau cascadaient à flots en jaillissaient pour alimenter les gours en aval! Sa position sur la carte, que nous étions en train d'établir, ne pouvait être que des meilleures. En effet, celle-ci semblait se diriger vers le grand canyon-serpent qui était notre but premier.

A ce point de nos explos, la Baiana commençait à provoquer des ravages dans nos crânes de Mineiros et de Français. Et saisies de vertige, nos têtes se tournaient par-ci, par-là, et nous grimpons et redescendions en effectuant des acrobaties incompatibles avec les capacités réelles de nos corps. Cette Baiana, c'est vraiment de la folie ! Allons-y ! Oh là là ! Nous avançons toujours. La section de la galerie était à présent plus réduite, mais la grotte continuait. Les longues visées, se succédaient, et décimètre après décimètre les mètres s'accumulaient. Mais même les meilleures choses ont une fin. Et cette fois-ci, ce fut une fin, disons, une fin compensatoire. Tout spéléologue possède un certain degré de résistance aux adversités même les plus extrêmes, et la situation présente n'était pas loin d'être extrême. Les glorieux et ultimes moments de cette expédition se déroulèrent dans un long et malodorant lac de guano sur le sommet duquel nos corps avaient du mal à se tenir.

Ça s'arrête. Ça s'arrête? Joël qui était devant l'affirmait. En fait, nous ne savions pas si c'était plutôt de la chaleur dont il se plaignait. Mais ceci n'a pas d'importance. Je crois que pour Ezio non plus, ça n'avait guère d'importance. Cependant, pour celui qui pourrait penser que ça en a, qu'il se rende donc dans la fabuleuse Gruta Baiana.

La Gruta Baianinha

La topo de la petite soeur de la Gruta Baiana fut un bonheur. L'après-midi était déjà bien avancée quand la Gruta Baianinha nous reçut où nous l'avions laissée, à l'éboulis rencontré la veille. Mais vous vous souvenez sans doute qu'il existait un passage sur la gauche de celui-ci, à un niveau inférieur, qui nous avait conduit à une galerie vaste et humide. L'un de nous aperçut tout de suite sur une pierre les initiales JS. Bizarre! Était-il possible qu'un obscur explorateur solitaire ait pu nous précéder, peut-être même depuis plusieurs siècles, et qu'il ait alors laissé ces initiales inconnues pour la postérité? Mais non, ces marques n'étaient en fait que le témoignage du passage de Jacques Sanna en ces lieux. Ses camarades et lui étaient partis de Descoberto et ils étaient parvenus jusque là en passant par le sommet de la serra et en empruntant le défilé. Ils avaient enfin trouvé le chemin à travers le massif qui nous éviterait des heures de marche les jours prochains.

Nous avons poursuivi notre avancée jusqu'à un siphon apparent qui nous fit soupirer à la fois de déception et de fatigue, apparente elle-aussi maintenant. Au même moment, et c'était bon signe, une forte brise fit vaciller nos flammes et caressa les stalactites dont elle se servait comme d'un instrument en leur tirant une jolie chanson, messagère d'Eole.

Les ténèbres nous surprirent au carrefour. Le mot de Cambronne résonna alors dans la vallée. Et de l'autre côté, la

"barriguda" répondit: -"on y va !..". Un safari nocturne commença dans le canyon. Dans la fraîcheur de la nuit, des lumières ondoyantes éclairaient les formes de la forêt qui paraissaient géantes dans l'obscurité.

Nuits de juin. Les étoiles et le froid...
Des formes éthérées inondant les airs
Quel indolent brouillard flottant
sur les mers
Ammonçant au clair de lune,
le soleil d'été...

Quelques jours plus tard, l'exploration et la topographie de La Gruta Baianinha furent achevées par une équipe comprenant Jacques, Jean-Loup, Leandro, Chester et moi. L'extension de la caverne totalise 724 mètres. C'est une grotte aux galeries étroites, souvent inondées, avec quelques (quasi)siphons que nous avons dû franchir. Plus au moins au centre de la caverne, il existe un étroit passage semblant effondré qui permet d'accéder à un niveau plus élevé. L'exploration de la grotte se termina sur un siphon infranchissable.

Les deux soeurs Baianas, presque siamoises, sont très proches l'une de l'autre mais ne se touche jamais. La comparaison des cartes de la Gruta Baiana, de la Gruta Baianinha et des photos montre que les deux cavités recèlent des systèmes de drainage différents. Le grand et imposant ventre signale l'emplacement du carrefour où vous pourrez les rencontrer au cours des prochains millénaires. 

Flávio Chaimowicz

